



RETRATO DO BRASIL DESIGUALDADE CRESCE E CHEGA AO MAIOR ÍNDICE DESDE 2012

Dados do IBGE revelam que a concentração de renda no Brasil aumentou no ano passado e atingiu seu patamar mais alto desde 2012. A renda do trabalho da parcela 1% mais rica corresponde a quase 34 vezes a dos 50% mais pobres. **PÁGINA 17**

A céu aberto.
O barbeiro
Marcelo Augusto
improvisa
salão no Largo
da Carioca

RENDIMENTOS CONCENTRADOS

DESIGUALDADE É A MAIOR DESDE 2012

Renda do trabalho da parcela 1% mais rica é quase 34 vezes o ganho dos 50% mais pobres

CÁSSIA ALMEIDA, PEDRO CAPETTI,
EFRÊM RIBEIRO E NAÍSE
DOMINGUES*
economia@oglobo.com.br
RIO E TERESINA

O Brasil, que já é um dos 15 países mais desiguais do mundo, conseguiu ver a concentração de renda aumentar fortemente no ano passado, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua (PnadC), que trata de todas as fontes de rendimento, divulgada ontem pelo IBGE. Por qualquer medida que se use, os mais ricos ganharam, enquanto os mais pobres perderam renda.

De 2017 para 2018, o rendimento médio mensal do 1% dos trabalhadores mais ricos subiu de R\$ 25.593 para R\$ 27.744, alta de 8,4%. Já entre os 5% mais pobres, a renda mensal do trabalho caiu 3,2%, passando de R\$ 158 para R\$ 153.

—O aumento da desigualdade foi muito forte. Não é um processo que está refluindo com a superação da recessão. A renda do trabalho nunca foi tão concentrada

— comentou **Marcelo Neri**, diretor da FGV Social.

A pesquisa mostra também que a renda do trabalho dessa parcela mais rica foi 33,8 vezes o ganho dos 50% mais pobres. Nesse grupo, o ganho médio foi de R\$ 820.

O Sudeste, a região mais rica do país, convive com o maior abismo salarial. O 1% mais rico ganha o equivalente a 34,4 vezes a renda dos 50% mais pobres, que foi de R\$ 971, pouco acima do salário mínimo vigente em 2018, de R\$ 954.

Com isso, o Índice de Gini, que mede a concentração de renda (e quanto mais perto de 1, pior), subiu de 0,538 para 0,545, considerando todas os rendimentos das famílias — trabalho, aposentadorias, pensões, aluguéis, Bolsa Família e outros benefícios sociais. É o pior resultado desde 2012.

Uma das razões para o aumento da desigualdade em 2018 foi o mercado de trabalho mais precário. Eram 35,42 milhões de pessoas na informalidade, também o maior número desde 2012.

— A população ocupada vem crescendo, o rendimento vem crescendo, mas essa ocupação vem da informalidade. Por isso esse aumento da desigualdade — afirma Maria Lucia Vieira, gerente da PnadC. — Os mais pobres acabam sofrendo mais do que aqueles com carteira de trabalho ou os funcionários públicos.

Com o aumento da concentração de renda, o topo da pirâmide no Brasil está se apropriando de uma fatia maior da renda nacional. O 1% mais rico recebe 12,2% de todos os rendimentos no país. Em 2017, essa fatia era de 11,7%. São R\$ 34,8 bilhões nas mãos de pouco mais de 2 milhões de pessoas por mês. Já os 10% mais pobres abocanharam

bem menos: 0,8% da massa de rendimentos em 2018 contra 0,9% em 2017. São 20 milhões de pessoas que ficaram com apenas R\$ 2,2 bilhões.

O barbeiro Marcelo Augusto, de 28 anos, improvisou um salão de beleza a céu aberto, usando apenas uma mesa de plástico e um guarda-sol, no Largo da Carioca, no Centro do Rio. Palinha, como é conhecido, mora com os pais, dois irmãos e sobrinhos em Anchieta, na Zona Norte. Segundo ele, o preço dos produtos que usa aumentou em média 40%. Para driblar a crise que afastou a clientela, criou um perfil no Facebook e passou a atender em outros locais nos fins de semana e feriados:

—A gente precisa ter um di-

R\$ 27.744

por mês

Era a renda média da parcela 1% mais rica em 2018. Em 2017, o rendimento desse grupo era de R\$ 25.593. Alta de 8,4% em 1 ano

R\$ 153

por mês

Era o rendimento médio dos 5% mais pobres em 2018. Um ano antes, o ganho era de R\$ 158. Houve uma redução de 3,2%

ferencial. Eu já tenho meus clientes fixos, que voltam sempre, mas, de um tempo para cá, o movimento caiu.

Pai de dois filhos, Palinha tem planos de montar o próprio salão e aumentar a renda familiar. Ele está cursando o ensino médio e espera ser o primeiro da família a conseguir concluir os estudos:

— Ninguém conseguiu terminar, porque acabaram largando para conseguir sustentar a casa. Mas tem que correr atrás, se não a gente não sai do lugar, não é?

Sem emprego há quatro meses, o ex-cozinheiro Wallace dos Santos, de 30 anos, resolveu apostar em uma carreira inusitada: ganhar a vida fantasiado de Deadpool. Com a ajuda de amigos, conseguiu comprar a fantasia, réplica da que o herói dos quadrinhos usa, e foi para o Centro do Rio divulgar seu trabalho.

— Quero ver se consigo arrecadar algum dinheiro aqui, mas meu objetivo é começar a trabalhar em festas e eventos. Eu nunca fui rico, mas

sempre conseguia comprar tudo que eu queria. Hoje em dia, eu estou querendo menos coisas — comenta Santos, que divide as contas da casa onde mora, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, com a mãe e a irmã.

REDUÇÃO DO BOLSA FAMÍLIA

Apesar da crise, a parcela de lares atendidos pelo Bolsa Família diminuiu, de acordo com a pesquisa do IBGE. Em 2014, 14,9% dos lares recebiam o benefício. Em 2018, a parcela baixou para 13,7% dos domicílios, que viram os ganhos caírem.

Já o tatuador Carlos Maciel viu a renda dobrar depois que abriu dois estúdios em Teresina, no Piauí, com a popularização da tatuagem.

— Aumentou minha carteira de clientes e houve a necessidade de contratar mais tatuadores (hoje são 27). Havia uma marginalização da tatuagem. Mas as pessoas começaram a andar de sunga, com os corpos cheios de tatuagens nos *reality shows*, na internet, e hoje a tatuagem é coisa de família — comenta Maciel, que atende um cliente por dia e tem lista de espera de quatro meses.

Para Daniel Duque, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o movimento crescente de desigualdade decorre do aumento da concentração da renda do trabalho e da previdência nos últimos anos entre os mais ricos:

— A renda do trabalho está ficando mais desigual, e a previdência está seguindo essa tendência. Os dois correspondem a 90% da renda domiciliar. A previdência não é igualitária, é mais concentrada entre os mais ricos. O aumento da participação dela aumenta a desigualdade, não diminui.

Para Duque, a desigualdade pode aumentar ainda mais, e um dos fatores negativos pode ser a política de não conceder o reajuste real do salário mínimo, que ajudou a reduzir a desigualdade recente.

** Estagiária, sob supervisão de Cássia Almeida*



Aposta inusitada. Sem emprego há quatro meses, o ex-cozinheiro Wallace dos Santos resolveu ganhar a vida fantasiado do personagem Deadpool no Centro do Rio. Seu objetivo é fazer festas e eventos

EFREM RIBEIRO



No topo. O tatuador Carlos Maciel viu a renda dobrar após abrir dois estúdios

ENTREVISTA

Marcelo Medeiros, SOCIOLOGO

‘OS MAIS POBRES TÊM QUE SER ESCOLHA PRIORITÁRIA’

O sociólogo Marcelo Medeiros, estudioso de pobreza e desigualdade, atualmente como professor visitante da Universidade de Princeton, nos EUA, afirma que o aumento da concentração de renda em

períodos de estagnação é mais rigoroso com os mais pobres.

Quais os impactos do aumento da desigualdade?

O dado confirma o que vinha acontecendo no mercado de trabalho. São os efeitos da crise que estão aparecendo na desigualdade. Aumentar a concentração em período de crise econômica é muito ruim. O país

mal está conseguindo se recuperar, e essa retomada ainda está sendo desigual.

Por que é pior aumentar a desigualdade na crise?

A desigualdade na China está crescendo, mas, pelo menos, a situação dos pobres está melhorando rapidamente. Todo mundo está ganhando, e os ricos estão ganhando muito mais. É melhor do que na estagna-

ção econômica, quando a base não consegue ter vantagens, que são majoritariamente apropriadas pelos mais ricos.

Como reduzir ou estancar esse processo?

No momento de estagnação, de crise, é muito importante aumentar a assistência. O seguro-desemprego é muito curto (cinco meses no máximo). E há muito de-

semprego duradouro. É preciso acionar uma rede de proteção na crise. Sabemos que há restrição fiscal, mas, na hora de gastar, os mais pobres têm que ser a escolha prioritária. Tem que expandir a cobertura do Bolsa Família e os benefícios. O programa custa barato e tem retorno econômico, pelo efeito multiplicador da renda na mão dos mais pobres. (Cássia Almeida)